FOLHAS DA MULTIFLÓREA PRIMAVERA: O FRAGMENTO 2 DE MIMNERMO[1]

Por Giuliana Ragusa e Rafael Brunhara

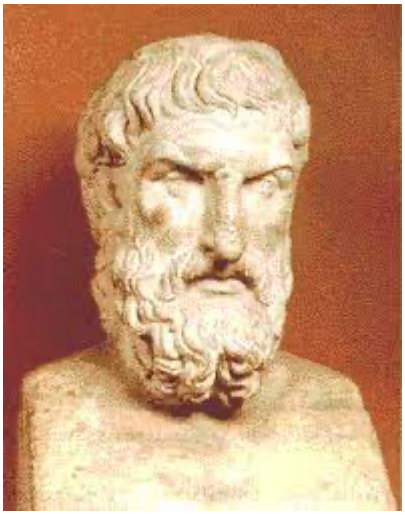

Imagem do poeta Mimnermo

ἡμεῖς δ’, οἷά τε φύλλα φύει πολυάνθεμος ὥρη[2]
ἔαρος, ὅτ’ αἶψ’ αὐγῆις αὔξεται ἠελίου,
τοῖς ἴκελοι πήχυιον ἐπὶ χρόνον ἄνθεσιν ἥβης
τερπόμεθα, πρὸς θεῶν εἰδότες οὔτε κακὸν
οὔτ’ ἀγαθόν· Κῆρες δὲ παρεστήκασι μέλαιναι, 5
ἡ μὲν ἔχουσα τέλος γήραος ἀργαλέου,
ἡ δ’ ἑτέρη θανάτοιο· μίνυνθα δὲ γίνεται ἥβης
καρπός, ὅσον τ’ ἐπὶ γῆν κίδναται ἠέλιος.
αὐτὰρ ἐπὴν δὴ τοῦτο τέλος παραμείψεται ὥρης,
αὐτίκα δὴ τεθνάναι βέλτιον ἢ βίοτος· 10
πολλὰ γὰρ ἐν θυμῶι κακὰ γίνεται· ἄλλοτε οἶκος
τρυχοῦται, πενίης δ’ ἔργ’ ὀδυνηρὰ πέλει·
ἄλλος δ’ αὖ παίδων ἐπιδεύεται, ὧν τε μάλιστα
ἱμείρων κατὰ γῆς ἔρχεται εἰς Ἀΐδην·
ἄλλος νοῦσον ἔχει θυμοφθόρον· οὐδέ τίς ἐστιν 15
ἀνθρώπων ὧι Ζεὺς μὴ κακὰ πολλὰ διδοῖ.

Nós, quais folhas que brotam na multiflórea estação
vernal, quando rápidas crescem sob a luz do sol,
como elas, por breve tempo com as flores da juventude
nos deleitamos, dos deuses conhecendo nem algo mau,
nem bom. Mas as negras Parcas se postam ao nosso lado, 5

[1] Este texto retoma, com algumas modificações, o estudo e a tradução vistos em G.Ragusa e R.Brunhara, *Elegia Grega Arcaica: uma Antologia*, pp. 103-108, por ocasião do lançamento deste livro no VII Encontro Tradução de Clássicos – Os Clássicos e o Tempo: Diacronia e Sincronia na Tradução, promovido pela Casa Guilherme de Almeida.
[2] Trad. G.Ragusa e R.Brunhara. Edição do texto grego: West (1998).

uma trazendo o fim da velhice repugnante,
outra, da morte; de vida breve é da juventude
o fruto – tanto quanto o sol se espraia sobre a terra.
Superado este fim da estação, então
melhor é logo estar morto do que vivo, 10
pois muitos são os males no peito: para um, a casa
se consome e advêm as dolorosas penas da pobreza;
outro, carecendo de filhos – ele que sobretudo os
deseja – vai ao Hades[3], sob a terra;
e outro tem doença devora-peito. Ninguém há 15
dentre os homens a quem Zeus muitos males não dê.

No Fragmento 2 de Mimnermo, de *performance* seguramente no simpósio, são inescapáveis os ecos da imagem da vida como sinônimo de juventude-Afrodite e da velhice como a morte verdadeira, sendo a própria apenas a pá de cal, por assim dizer, sobre a desgraçada condição humana, na visão pessimista – realista? – dos gregos antigos, absolutamente cônscia das limitações do homem e de sua efêmera existência. Vemos suas ressonâncias nos Fragmentos 1 a 5 de Mimnermo, agudizadas pela visão hedonista do "eu" elegíaco; e vemo-la na poesia grega em geral.

A fonte do Fr. 2, com atribuição de autoria, é Estobeu (século V d.C.; *Antologia* IV, 34, 12). E neste temos, igualmente, uma construção bipartida que opõe à juventude a velhice, enfocando as antitéticas e respectivas dimensões do prazer (breve) e da dor (prorrogada), da ignorância quanto ao porvir e do conhecimento do que pode trazer. Nessa estrutura, desde o princípio se instaura o olhar para o todo – "nós" (*hēmeîs*), pronome que abre o verso 1, indicando os homens mortais e mesmo os convivas do simpósio ao qual se destina a elegia –, e não para a parte – "eu". Isso se reforça ao final, em que os versos 15-16 (*oudè tís ... anthrōpōn*) dizem literalmente "ninguém dentre os seres humanos".

A reflexão sobre a condição humana recorda a *Ilíada* (VI, 145-9), e o diálogo de Glauco (lício, aliado dos troianos) e Diomedes (aqueu, filho de Tideu), em pleno campo de batalha. Indagado sobre sua identidade, diz-lhe Glauco (trad.Werner, 2018):

[3] Deus dos mortos e o próprio mundo dos mortos, no submundo que comporta também o chamado Tártaro, e que, privado de luz e calor, é associado à umidade, ao bolor e à escuridão.

Τυδεΐδη μεγάθυμε τί ἢ γενεὴν ἐρεείνεις; 145
οἵη περ φύλλων γενεὴ τοίη δὲ καὶ ἀνδρῶν.
φύλλα τὰ μέν τ' ἄνεμος χαμάδις χέει, ἄλλα δέ θ' ὕλη
τηλεθόωσα φύει, ἔαρος δ' ἐπιγίγνεται ὥρη·
ὣς ἀνδρῶν γενεὴ ἣ μὲν φύει ἣ δ' ἀπολήγει.

"Animoso Tidida, por que perguntas minha geração? 145
Como a geração das folhas é também a de varões.
Folhas: a umas o vento joga no chão, a outras forma
o bosque em flor, e vem a estação da primavera:
tal é a geração dos varões, uma se forma, a outra fenece."

O símile das folhas (*phýlla*) é motivo reiterado nos poetas gregos[4]. Na elegia, é reencontrado em Simônides (Fr. 19, vv.1-2), que cita o verso 146, acima:

ἓν δὲ τὸ κάλλιστον Χῖος ἔειπεν ἀνήρ·
« οἵ περ φύλλων γενεή, τοίη δὲ καὶ ἀνδρῶν »·

Eis o que de mais belo o homem de Quios disse:
"Como a geração das folhas, tal também a dos homens".[5]

Mais tarde, na poesia latina, Horácio (século I a.C.) o resumirá na célebre expressão *carpe diem*, "colhe o dia"[6]. O símile demarca, conforme afirma David Campbell, em *Greek Lyric Poetry,* a semelhança entre as sucessivas gerações de homens e as sucessivas gerações de folhas de uma árvore, sob o signo da transitoriedade[7]. Em Mimnermo, prossegue, emerge no Fr. 2 (1-2) para uma comparação entre a "brevidade da juventude" e o "rápido crescimento e decadência das folhas". No centro do motivo – ou *tópos* ou lugar-comum –, está, portanto, a efemeridade da juventude que é, para Mimnermo, sinônimo de vida. E seu tratamento é bem mais pessoal do que o da epopeia, anota Mark Griffith, em "Man and the leaves"[8], embora não restrinja ao "eu" elegíaco o alcance da reflexão.

[4] M.Griffith ("Man and the Leaves: A Study of Mimnermos Fr.2", pp. 75-6), estudando-o em Mimnermo, arrola outras passagens nos próprios poemas épico-homéricos: *Ilíada* (XXI, 461-7); *Odisseia* (9, 51).
[5] Tradução de G.Ragusa e R.Brunhara, em *Elegia Grega Arcaica: uma Antologia* (pp. 242).
[6] F.Achcar (*Lírica e Lugar-Comum: Alguns Temas de Horácio e sua Presença em Português*, pp. 59-85) estuda em detalhe esse motivo, que será elaborado por cada poeta segundo perspectivas e objetivos próprios aos seus textos. A expressão horaciana acha-se na *Ode* 1, 11.
[7] D.A. Campbell, *Greek Lyric Poetry: A Selection of Early Greek Lyric, Elegiac and Iambic Poetry*, p.226.
[8] M.Griffith, "Man and the Leaves: A Study of Mimnermos Fr.2", pp. 77.

É bem mais passional, frisa David Sider, em "'As in the Generation of Leaves' in Homer, Simonides, Horace, and Stobaeus"[9], uma vez que "tristemente enfoca o murchar e o perecer", pois "nem mesmo a memória da juventude pode dar alegria ao velho (...)", distanciado que está o mundo do poeta do mundo dos heróis e da imortalidade pelos feitos grandiosos, matéria para uma poesia – a épica – distinta de sua elegia. Daí que não há substituto ao perecimento das folhas no Fr. 2 de Mimnermo, como há no símile proferido por Glauco na *Ilíada*, conclui Sider[10].

Assim, na elegia fortemente marcada pela reflexão filosófica ou ético-moral, o motivo da efemeridade da vida humana é trabalhado sob uma perspectiva hedonista do mundo, que privilegia a juventude sobre a velhice. Nesse sentido, observe-se nos versos 3-5 que o regozijar-se é oferecido como resposta à limitação da vida e à sua instabilidade, determinada pela limitação do conhecimento humano do futuro, elaborado em linguagem que enlaça à esfera humana a divina, instância superior de saber e de visão.

Vale salientar ainda o tempo vernal e a presença das flores na linguagem metafórica dos versos 1-3, que repete a expressão "flores da juventude" (*ánthesin hēbēs*, 3), vista também no Fr. 1 do poeta (vv.1-4):

τίς δὲ βίος, τί δὲ τερπνὸν ἄτερ χρυσῆς Ἀφροδίτης;
τεθναίην, ὅτε μοι μηκέτι ταῦτα μέλοι,
κρυπταδίη φιλότης καὶ μείλιχα δῶρα καὶ εὐνή,
οἷ' ἥβης ἄνθεα γίνεται ἁρπαλέα
ἀνδράσιν ἠδὲ γυναιξίν·(...)

Que vida, que prazer sem a áurea Afrodite?
Que eu morra, quando isto não mais me interessar:
secreto enlace e doces dons e leito –
tais são da juventude as flores atraentes
a homens e mulheres. (...) [11]

Tais menções à primavera e às flores operam uma síntese da prazerosa vida que só se vive nos tenros anos, na "multiflórea estação" (*polýanthemos hōrē*, 1) "da primavera" (*éaros*, 2). Prazerosa, porém muito curta (3), como diz o símile das

[9] D.Sider, "'As in the Generation of Leaves' in Homer, Simonides, Horace, and Stobaeus", p.281.
[10] *idem*, p.282.
[11] A tradução do Fragmento 1 de Mimnermo aqui citada é de Giuliana Ragusa e Rafael Brunhara, presente em G.Ragusa e R.Brunhara, Elegia Grega Arcaica: uma Antologia (pp. 97-98).

folhas na primeira parte da elegia (1-5), que aponta no prazer que se pode gozar, indicado na forma verbal *terpómetha* (4), ainda que por tempo abreviado, a ignorância quanto ao porvir – da qual sequer se tem consciência nos anos primaveris da vida. Como as folhas que nada são além de "produtos da natureza", o homem parece, à luz do verso 4 do Fr. 2, "meros receptáculos do que quer que os deuses lhes deem", comenta Griffith[12], do que quer que venha deles (*pròs theôn*).

Depois, no verso 5, o termo da frase que ali inicia a antitética segunda parte da elegia (5-10), traduzido como "Parcas", designa as *Kêres* ("Desgraças"), deidades que fiam os lotes de vidas, suas extensões, e que são três: Cloto ("Fiandeira"), que tece o fio, Láquesis ("Distribuidora"), que o mensura, e Átropo ("Inflexível"), que o corta. Não é mero ornamento o adjetivo que recebem (*mélainai*), pois instaura a escuridão no lugar da luminosa primavera da juventude efêmera (1-5). Mas, em vez de se valer da imagem do fio ou lote de vida, isto é, de sua duração, Mimnermo se concentra em seu *télos* ("fim", 6) que, em conformidade com a visão hedonista do Fr. 1, aqui mantida, chega de fato com a "velhice repugnante" (*gēraos argaléou*, 6) – na expressão que retoma o verso 10 daquele fragmento:

οὕτως ἀργαλέον γῆρας ἔθηκε θεός
assim repugnante o deus dispôs a velhice

Note-se que a velhice é adjetivada, enquanto a morte é só nomeada (*thanátoio*, 7), uma distinção que evidencia aquela como mal maior que esta, afirmação feita no verso 10, que pensa hedonisticamente o *télos* ("fim", 9) da vida como o término da efêmera juventude (*hēbēs*, 7) – do "fruto" (*karpós*, 8) de "vida breve" (*mínyntha*, 7). A metáfora vegetal remete à primavera da primeira parte, reiterando o sentido do símile das folhas; e a brevidade é equiparada à do percurso do sol no decorrer de um dia (8).

A imagem do sol e de sua luz é usada nesta elegia; nós a vemos, também, no Fr. 1 como sinônimo da vida que se tem prazer em viver:

[12] M.Griffith, "Man and the Leaves: A Study of Mimnermos Fr.2", pp. 77.

οὐδ’ αὐγὰς προσορῶν τέρπεται ἠελίου,
ἀλλ’ ἐχθρὸς μὲν παισίν, ἀτίμαστος δὲ γυναιξίν

e, olhando a luz do sol, ele não se deleita,
mas é detestável aos meninos e desonrado às mulheres

O Fragmento 2, contudo, enfoca a dimensão da temporalidade: a juventude não dura mais do que um dia que, por sua vez, dura o tempo que leva o sol em sua jornada. Nesse mesmo viés vemos a imagem na poesia arcaica, em Alceu (séculos VII-VI a.C.), poeta mélico (da canção para *performance* ao som da lira) da ilha de Lesbos, no Fr. 346 (edição Voigt, 1971), cujo verso inicial exclama, hedonisticamente, constatando a efemeridade da vida: “Bebamos! Esperamos as lâmpadas ... Por quê? Mede um dedo o dia!” (1)[13].

Na perspectiva do Fr. 2, de Mimnermo, passada a “estação” (*hōrēs*, 9) primaveril, no verso 1 cantada por suas múltiplas flores – de intensa beleza e curta vida –, é “melhor” (*béltion*, 10) “logo estar morto do que vivo” (10). Mais uma vez, agora pelo advérbio *autíka* (10), a ideia do tempo veloz volta à cena: faz-se tão curta a juventude (versos 2–3), que acelera a chegada da morte – o fim complementar à velhice, a primeira e definitiva morte. Pois, na velhice, acumulam-se preocupações, já dizia de modo geral o Fr. 1 (verso 5-7):

(...) ἐπεὶ δ’ ὀδυνηρὸν ἐπέλθηι
γῆρας, ὅ τ’ αἰσχρὸν ὁμῶς καὶ κακὸν ἄνδρα τιθεῖ,
αἰεί μιν **φρένας** ἀμφὶ κακαὶ τείρουσι μέριμναι

(...) Mas quando sobrevém dolorosa
velhice, que similarmente asqueroso e feio faz o homem,
sempre em redor dos **sensos** o angustiam vis anseios

No Fr.1, as preocupações atingem os “sensos” (*phrénas*) de quem envelhece; neste, acometem o “peito” (*thymôi*, 11), “órgão psíquico” emocional-intelectual, explica Allen[14], “vulnerável a várias influências internas e externas”. E não são propriamente “vis anseios” (*kakaì ... mérimnai*, 7), como no Fr. 1, mas

[13] Πώνωμεν· τί τὰ λύχν’ ὀμμένομεν; δάκτυλος ἀμέρα·. Para tradução e comentário, ver G.Ragusa, *Lira Grega: Antologia de Poesia Arcaica*, pp. 92-93).
[14] A.Allen (ed.), *The Fragments of Mimnermus*, p.46.

"males" (*kakà*, 11) específicos: a pobreza (*peníēs*, 12) destrutiva; a privação de filhos (13-4), que agrava a finitude da morte, interrompendo a sucessão de gerações com a "perda do nome e da memória"[15], isto é, com o apagamento no Hades ao qual descem os mortos, canta a elegia, mundo privado de luz, de matéria e de forma; e a "doença devora-peito" (*noûson ... thymophthóron*, 15) – o adjetivo composto retomando o substantivo do verso 11, que nomeia o *thymós* como a sede das preocupações trazidas pela velhice. Tais males podem ser alternados a uns e outros, mas de um deles ou mais não escapa mortal algum, pois dos "muitos males" (*kakà pollà*, 16) dispõe Zeus, diz o verso 16, a ecoar o verso 10 do Fr. 1, que decide a qual dos seres humanos (*anthrōpōn*) deve dá-los. Agora se especificam, enfim, os deuses do verso 4, e o "nós" da abertura, e, com isso, a fina simetria da composição de Mimnermo, como bem frisa Griffith[16].

Giuliana Ragusa é professora Associada (Livre-Docente) de Língua e Literatura Grega (FFLCH-DLCV) da Universidade de São Paulo, em que se graduou. Na USP, obteve ainda os títulos de Mestre (2003) e Doutora (2008) em Letras Clássicas. Fez Pós-Doutorado (08/2012-01/2013, Bolsa Fapesp) nos EUA (University of Wisconsin-Madison). Foi bolsista Fapesp na graduação e na pós-graduação, e no doutorado, da Capes obteve Bolsa Sanduíche PDEE, UW-EUA, 2006-7). É autora de publicações, dentre as quais, os livros *Fragmentos de uma deusa: a representação de Afrodite na lírica de Safo* (2005, Editora da Unicamp, apoio Fapesp), Prêmio Jabuti (2006); *Lira, mito e erotismo: Afrodite na poesia mélica grega arcaica* (2010, Editora da Unicamp, apoio Fapesp), resultado de tese com Menção Honrosa no Prêmio Capes 2009*; Lira grega: antologia de poesia arcaica* (Editora Hedra, 2013), reunião do cânone dos 9 mélicos arcaicos, de Álcman a Píndaro, com introdução, comentários, tradução e notas. Em 2021, publicou a 2ª edição (bilíngue, revista, ampliada, atualizada) de *Safo de Lesbos. Hino a Afrodite e outros poemas* (Hedra, 2021) e, em parceria com Rafael Brunhara (UFRGS), a obra bilíngue *Elegia grega arcaica: uma antologia* (tradução, introdução, notas e comentário) (Editora Mnema e Ateliê Editorial, 2021). Atua orientando trabalhos sobre poesia grega antiga e em recepção dos clássicos. Atualmente, dedica-se à representação de Afrodite na mélica tardo-arcaica de Píndaro, e à mélica de Safo, bem como às recepções da poeta, entre outros interesses. É Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas.

Rafael Brunhara é professor de língua e literatura grega na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Possui Bacharelado em Letras: Português (2008) e Grego (2009) pela Universidade de São Paulo, instituição pela qual também obteve o título de Mestre (2012)

[15] M.Griffith, "Man and the Leaves: A Study of Mimnermos Fr.2", pp. 80.
[16] *idem, ibidem*.

e Doutor (2017) em Letras Clássicas. É docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, foi coordenador do NET - Núcleo de Estudos de Tradução da UFRGS (2020-2022) e é autor das seguintes publicações: *As Elegias de Tirteu* (Editora Humanitas, 2014) e *Elegia grega arcaica: uma antologia* (Editora Ateliê/Mnema, 2021), em co-autoria com a Profa. Dra. Giuliana Ragusa (USP), além de artigos científicos e de trabalhos de divulgação sobre poesia grega. Atua principalmente nos seguintes temas: elegia e épica; poesia arcaica e clássica; tradução; história dos gêneros poéticos na Antiguidade.

REFERÊNCIAS

ACHCAR, F. *Lírica e Lugar-Comum: Alguns Temas de Horácio e sua Presença em Português*. São Paulo, Edusp, 1994.

ALLEN, A. (ed., coment.) *The Fragments of Mimnermus*. Stuttgart, Franz Steiner, 1993.

BRUNHARA, R., RAGUSA, G. (org., trad.) *Elegia Grega Arcaica: Uma Antologia*. São Paulo: Ateliê/Mnema, 2021.

CAMPBELL, D. A. (coment.). *Greek Lyric Poetry: A Selection of Early Greek Lyric, Elegiac and Iambic Poetry*. Bristol, Classical Press, 1998 (1. ed., 1982).

Lourenço, F. (trad.). *Homero. Ilíada*. São Paulo, Companhia das Letras/Penguin, 2013.

GRIFFITH, M. "Man and the Leaves: A Study of Mimnermos Fr. 2". *In*: Basson, A. F. & Dominik, W. J. (eds.). *Literature, Art, History: Studies on Classical Antiquity and Tradition*. Frankfurt, Peter Lang, 2003, pp. 73-88.

RAGUSA, G. (org., trad.). *Lira Grega. Antologia de Poesia Arcaica*. São Paulo,Hedra, 2013.

SIDER, D. " 'As in the Generation of Leaves' in Homer, Simonides, Horace, and Stobaeus". *In*: Boedeker, D. & SIDER, D. (eds.). *The New Simonides. Contexts of Praise and Desire*. Oxford, Oxford University Press, 2001, pp. 272-288.

WEST, M.L. (ed.). *Iambi et Elegi Graeci*. Oxford, Oxford University Press, 1998, 2.vols. (1.ed. 1971).